



Apostolado do Oratório – Meditação dos Primeiros Sábados

Mistérios Gozosos – Dezembro – 2013

O Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo



Introdução

Vamos dar início à meditação reparadora dos primeiros sábados, que nos foi indicada por Nossa Senhora, quando apareceu em Fátima em 1917. Pedia Ela que comungássemos, rezássemos um terço, fizéssemos meditação dos mistérios do Rosário e confessássemos em reparação ao seu Sapiencial e Imaculado Coração. Para os que praticassem esta devoção, Ela prometia graças especiais de salvação eterna.

Estamos nos aproximando da celebração da festa magna da cristandade, o

Santo Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo. Desde há 4 mil anos, a mais fulgurante das luzes brilha nas trevas e oferece à humanidade a verdadeira paz, sobretudo em nossa era crivada de guerras, catástrofes e ameaças. Junto a Maria, a José e aos pastores, no Presépio, adoremos o Menino-Deus, o Príncipe da Paz.

Composição de lugar

Como composição de lugar, devemos nos reportar aos tempos de Cristo e nos imaginarmos entre os pastores. Estes, avisados por um Anjo do nascimento do Salvador da humanidade, foram até a gruta para adorá-Lo.

Oração preparatória

Pai nosso que estais nos céu...
Ave Maria...
Santa Mãe de Deus, rogai por nós!

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas, capítulo 2, versículos 1 a 14:

¹ Naqueles dias, saiu um edito de César Augusto, prescrevendo o recenseamento de toda a Terra. ² Este recenseamento foi anterior ao que se realizou quando Quirino era governador da Síria. ³ Iam todos recensear-se, cada um à sua cidade. ⁴ José foi também da Galileia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Davi, que se chamava Belém, porque era da casa e família de Davi, ⁵ para se recensear juntamente com Maria, sua esposa, que estava grávida.

⁶ Ora, estando ali, aconteceu completarem-se os dias em que devia dar à luz, ⁷ e deu à luz o seu filho primogênito, e O enfaixou, e O reclinou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.

⁸ Naquela mesma região, havia uns pastores que velavam e faziam de noite a guarda ao seu rebanho. ⁹ Apareceu-lhes um Anjo do Senhor e a glória do Senhor os envolveu com a sua luz e tiveram grande temor. ¹⁰ Porém, o Anjo lhes disse: “Não temais, porque vos anuncio uma boa nova, que será de grande alegria para todo o povo: ¹¹ Nasceu-vos hoje na cidade de Davi um Salvador, que é o Cristo, o Senhor. ¹² Eis o que vos servirá de sinal: Encontrareis um Menino envolto em panos e deitado numa manjedoura”. ¹³ E subitamente apareceu com o Anjo uma multidão da milícia celeste louvando a Deus e dizendo: ¹⁴ “Glória a Deus no mais alto dos Céus, e paz na Terra aos homens, objeto da boa vontade de Deus”.

I – Uma luz resplandece nas trevas

“Uma luz resplandece nas trevas” (Jo 1, 5): “*Christus natus est nobis*”, foi para nós que Ele nasceu, para a humanidade de todas as épocas, até o Juízo Final. O glorioso nascimento do Menino Jesus constitui uma inesgotável fonte de salvação. E, invariavelmente, o convite que nesta festividade é feito aos homens vem carregado de promessas. Junto ao Divino Infante, pode-se encontrar a verdadeira paz, como ocorreu com os pastores e os Reis Magos. Movidos por um sopro do Espírito Santo, abandonaram seus afazeres e puseram-se a caminho buscando encontrar, o Salvador que é o Cristo Senhor, conforme lhes anunciara o Anjo, para adorá-La. Esse mesmo convite nos é dirigido ainda hoje: “*Venite adoremus*”, pois “a graça de Deus, nosso Salvador, apareceu a todos os homens. (...) Manifestou-se a bondade de Deus nosso Salvador e o seu amor pelos homens” (Tt 2, 11; 3, 4).

II – Viagem de José e Maria a Belém

1 – O recenseamento

¹ Naqueles dias, saiu um edito de César Augusto, prescrevendo o recenseamento de toda a Terra. ² Este recenseamento foi anterior ao que se realizou quando Quirino era governador da Síria. ³ Iam todos recensear-se, cada um à sua cidade.

Não há uma só palavra ou um só gesto relacionado com a vida de Jesus que não contenha vários e altíssimos significados. Por isso multiplicam-se ao longo dos séculos comentários e interpretações sobre as narrativas evangélicas. Neste primeiro versículo encontramos um exemplo interessante sobre esse particular. São Tomás de Aquino, por exemplo, assim se manifesta:

“Cristo veio para nos reconduzir do estado de escravidão ao estado de liberdade. Por isso, diz Beda que, assim como assumiu nossa condição mortal para nos conduzir à vida, assim ‘dignou-Se encarnar num tempo em que, apenas nascido, seria registrado no censo de César, e, por nossa libertação, se submeteu Ele mesmo à escravidão’” (1).

2 – Por que Maria fez a viagem com José

⁴ José foi também da Galileia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Davi, que se chamava Belém, porque era da casa e família de Davi, ⁵ para se recensear juntamente

com Maria, sua esposa, que estava grávida.

Só José tinha a obrigação de apresentar-se em Belém, mas por que também Maria teria empreendido essa viagem na companhia dele? Segundo alguns autores, talvez ambos tivessem planejado sua definitiva mudança para a cidade-berço da estirpe do Rei Profeta. Tanto mais que, na Anunciação feita por São Gabriel, constava que Deus daria ao Menino o trono de seu pai Davi. Além disso, havia vários séculos, o profeta Miqueias fizera referência à cidade de Belém como o local de procedência d'Aquele que governaria o povo judeu (cf. Mq 5,1).

Por outro lado, é também possível que José não quisesse deixar Maria sozinha naquelas circunstâncias, sobretudo se considerarmos a grande santidade desse varão que seria o pai legal e tutor do Filho de Deus. José, certamente, queria adorá-Lo o quanto antes e logo no primeiro instante.

Seja como for, o deslocamento deve ter sido muito fatigante para a Santíssima Virgem, já tão próxima dos últimos momentos da gestação. Os caminhos, além de tortuosos e mal-acabados, estavam ingurgitados pelo fluxo do trânsito dos convocados pelo recenseamento. Asnos e camelos circulavam num e noutro sentido em número acima do costumeiro.

Talvez se julgue que, pela imensa consolação de se tornar mãe daí a pouco, não sentisse a Santíssima Virgem as agruras de tão penoso percurso. Mas até isso Lhe foi exigido, para tornar mais meritória sua participação na obra redentora de seu Divino Filho. E a esse incômodo, outro mais se acrescentaria: os “hotéis” daqueles tempos. As condições de hospedagem nem de longe se assemelhavam às de hoje, sob os mais variados aspectos. O certo é que as estalagens daqueles tempos eram verdadeiramente desconfortáveis.

Em nada era estranha aos judeus a agitação que se criou por ocasião do recenseamento, pois o ambiente era o mesmo ao longo das celebrações da Páscoa. Ainda não havia o recato que o Preciosíssimo Sangue do Redentor introduziu depois na Civilização Cristã. Tudo se fazia sem reservas: ali se podia nascer ou morrer, adoecer ou curar-se, dormir ou agitar-se, etc., à vista de todos. Portanto, quando São Lucas afirma que não havia lugar para eles na hospedaria, a razão maior não era a lotação, mas sim as condições inadequadas do local.

3 – Belém, a cidade escolhida

E por que Belém?

O nome da cidade é de origem hebraica: “Bet-lehem”, ou seja, “casa do pão”, pois essa localidade estava situada numa região muito fértil. Quem,

misticamente, cantou as glórias de Belém foi Santa Paula, no ano de 383: “Saúdo-te, ó Belém, casa do pão, onde o pão descido do Céu viu a luz da terra! Saúdo-te, ó Efratá, campo riquíssimo e fértil, que entre os teus frutos trouxeste o próprio Deus!” (2).

São Tomás de Aquino nos ensina algumas das razões pelas quais Jesus Cristo quis nascer numa cidade obscura como Belém e padecer horrivelmente numa cidade famosa como Jerusalém:

“Davi nasceu em Belém, mas escolheu Jerusalém para estabelecer nela a sede de seu reino e ali edificar o templo de Deus. Assim, Jerusalém viria a ser ao mesmo tempo a cidade real e sacerdotal. Mas o sacerdócio de Cristo e o seu reino se realizariam principalmente em sua Paixão. Por isso era conveniente que, para nascer, escolhesse Belém, e para a Paixão, Jerusalém. (...)”

“Como diz São Gregório, Belém quer dizer ‘casa do pão’. E o próprio Cristo afirma: ‘Eu sou o pão vivo, que desceu do Céu’. (...) Além disso, contrariava a vanglória dos homens que se orgulham de ter nascido em cidades famosas, nas quais querem principalmente ser honrados. Cristo, pelo contrário, quis nascer numa cidade obscura e padecer opróbrios numa cidade famosa” (3).

III – Nasce o Salvador

1 – História da Gruta

6 Ora, estando ali, aconteceu completarem-se os dias em que devia dar à luz, 7 e deu à luz o seu filho primogênito, e O enfaixou, e O reclinou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.

Como o próprio São Lucas declara, “não havia lugar para eles na hospedaria”, ou seja, José viajou a Belém na esperança de encontrar uma hospedagem à altura do grande acontecimento que ali se passaria. Porém só lhe restou um lugar afastado da cidade, uma simples gruta, que em alguns minutos se tornaria um templo mais digno do que a maior e mais magnífica de todas as catedrais.

A mística alemã, bem-aventurada Ana Catarina Emmerick, descreve com piedosa riqueza os detalhes do nascimento de Nosso Senhor.

Segunda ela, depois de já estarem bem instalados, Maria sugeriu a José rezarem juntos por todos aqueles que haviam se negado a recebê-los, e lhe comunicou a hora do nascimento, pedindo-lhe que preparasse bem a manjedoura para poder honrar e adorar o Menino, tão logo Ele entrasse neste mundo.

2 – O Céu se uniu à Terra

Depois de alguns instantes, passados fora, José retornou à Gruta, encontrando-a como que em chamas, de tanta luz. Imediatamente prostrou-se com o rosto em terra. Essa luz que envolvia a Santíssima Virgem foi crescendo de intensidade e, à meia-noite, após Ela entrar em êxtase e levitação, e estando a própria natureza dos arredores como que em grande júbilo, nasceu o Salvador. Ao ter-Se movido o Menino, fazendo ouvir seus primeiros vagidos, Maria “envolveu-O em panos e recostou-O no Presépio”. Os Céus desceram à Terra para adorá-Lo, enquanto a Virgem, resguardando-O em seu amplo manto, O amamentava. Passada uma hora, Maria chamou José, o qual ainda estava prosternado em oração, e lhe entregou o Divino Menino. Com júbilo, humildade e fervor, José O recebe nos braços, banhando-se em lágrimas de alegria. O recém-nascido era “brilhante como um relâmpago”.

Oração de Petição

A esta altura de nossa meditação, diante do Menino Deus reclinado na Manjedoura, adaptemos as palavras que o Apóstolo São Paulo dirigiu aos Efésios e peçamos à Santíssima Mãe de Deus:

Que Cristo habite pela fé em nossos corações, e nos torne arraigados e consolidados na caridade, a fim de que possamos, com todos os cristãos, compreender qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, isto é, conhecer a caridade de Cristo, que desafia todo o conhecimento, e sejamos cheios de toda a plenitude de Deus” (Ef 3, 17-19).

IV – Adoração dos Pastores

⁸ Naquela mesma região, havia uns pastores que velavam e faziam de noite a guarda dos seus rebanhos. ⁹ Apareceu-lhes um Anjo do Senhor e a glória do Senhor os envolveu com a sua luz e tiveram grande temor.

Também Davi havia sido pastor de ovelhas, e naquela gruta estavam três de seus descendentes, sendo um deles o Filho do Altíssimo. A corte celeste já rendera culto e homenagem ao Menino. Nascido com nossa natureza, digno e justo era que também de nossa sociedade recebesse Ele adoração.

1 – Uma categoria social desprezada

Os pastores constituíam uma comunidade desprezada pelos fariseus. No caso concreto de Belém, trabalhavam eles nos confins da região, onde o cultivo das plantações já não interessava e as terras estavam abandonadas e incultas. Ali permaneciam os rebanhos mais numerosos, fosse inverno ou verão, vigiados por alguns homens. Os habitantes do povoado guardavam seus animais nos estábulos dos arredores.

Essa gente simples, de vida camponesa, mas de alma e pensamentos elevados, contrastava com a vida pecaminosa dos fariseus, que viviam hipocritamente de aparências, buscando a admiração e o respeito dos demais. No entanto eram como sepulcros caiados, por fora brancos, mas por dentro cheios de podridão.

2 – Separando dos incrédulos os que têm fé

Dessa forma, vemos que já ao nascer, o Menino-Deus iniciou sua missão de pedra de escândalo, deixando de lado os que não creem. Os Anjos buscaram os pastores por terem estes uma robusta virtude da fé, toda feita de obediência. Não era fácil crer num Messias nascido em plena pobreza, num estábulo, entre um boi e um burro. Os pastores, entretanto, foram escolhidos por Deus, não por sua simplicidade de vida e de costumes, nem sequer pela sua pouca capacidade financeira — pois muitos outros havia em Israel mais pobres e simples do que eles —, mas porque estavam predispostos a crer.

3 – O temor da grandeza de Deus

São Lucas afirma que os pastores “tiveram grande temor”. A explicação disso está no fato de que a aparição de um Anjo, para muitos judeus, significava morte imediata, era uma espécie de superstição que havia entre eles.

Além do mais, dava-se a manifestação da glória de Deus, e o natural efeito de sua grandeza é o temor, seguido de admiração ou de ódio, nunca de indiferença. Por isso uns irão correndo à Gruta para adorá-Lo e outros quererão matá-Lo.

¹⁰ Porém, o Anjo lhes disse: “Não temais, porque vos anuncio uma boa nova, que será de grande alegria para todo o povo: ¹¹ Nasceu-vos hoje na cidade de Davi um Salvador, que é o Cristo, o Senhor. ¹² Eis o que vos servirá de sinal: Encontrareis um Menino envolto em panos e deitado numa manjedoura”.

O anúncio do Anjo se inicia por uma determinação: “Não temais!”. Estas palavras evidentemente diziam respeito à sua própria aparição, mas bem poderiam constituir um leiteiro a ser colocado sobre a manjedoura onde repousa o Menino-Deus. Sim, porque, apesar da fragilidade de um recém-nascido, ali se encontram a Grandeza infinita de Deus, a Verdade, a Justiça e a Bondade. Por nossa natureza frágil e por sermos pecadores, temos medo da Justiça e, assim como a luz muito brilhante pode ferir os olhos enfermos, treme nossa maldade diante da Grandeza de Deus.

Daí ter o Anjo recomendado com tom imperativo que não temessem, e logo a seguir lhes falado de uma “grande alegria”. De fato, impossível alegria maior. Aquele Messias que tanto fora objeto de suas longas conversas, como também de suas inúmeras contemplações, havia nascido.

V – O cântico dos Anjos

¹³ E subitamente apareceu com o Anjo uma multidão da milícia celeste louvando a Deus e dizendo: ¹⁴ “Glória a Deus no mais alto dos Céus, e paz na Terra aos homens, objeto da boa vontade de Deus”.

Sim, a maior glória que a humanidade e os próprios Céus poderiam dar a Deus realizou-se no grandioso nascimento do Senhor. Com a vinda de Cristo, toda a obra da criação atingiu um patamar inimaginável. Aquele Menino na manjedoura, desde seu primeiro momento e ao longo de sua vida, em suas palavras, obras e sofrimentos, nada quis mais do que ser instrumento para servir, louvar e glorificar a Deus. Ele é por excelência o modelo perfeito.

1 – Paz na Terra...

Em harmonia com essa “Glória a Deus nas alturas”, o Menino veio trazer a paz verdadeira aos homens. Sim, Ele nos reconciliou com Deus, ensinou-nos a bem conhecer e amar o Pai, assim como nossos irmãos, e, morrendo por todos e cada um, convidou-nos à santidade. O nosso fim último tornou-se claramente explícito, como também ficou indicado qual deve ser o nosso governo sobre nós mesmos e sobre as criaturas.

Mais uma vez, aproximemo-nos do Presépio e adoremos o Menino, Príncipe da Paz, e ouçamos a voz de Isaías: “Como são belos sobre as montanhas os pés do mensageiro que anuncia a felicidade, que traz as boas novas e anuncia a libertação, que diz a Sião: Teu Deus reina!” (Is 52,7). Ele, o autor da graça santificante, sem a qual “não pode haver verdadeira paz, mas somente uma paz

aparente” (4) e portanto falsa.

Eis o convite essencial para o mundo de hoje, tomado por guerras, rebeliões, catástrofes e ameaças: ajoelhe-se e, juntamente com Maria, José e os pastores, ouça a saudação de São Paulo: “O Senhor da paz, Ele próprio, vos dê a paz, sempre e em todos os lugares” (II Tes 3, 16).



Oração Final

Consagração ao Divino Menino Jesus

Ó dulcíssimo Menino Jesus, que com tanta liberdade fostes dado a mim por vosso nascimento, eu me prostro hoje a vossos pés, sob a proteção da Santa Virgem e de São José, eu Vos consagro meu coração, minha alma e toda a minha pessoa, a vosso serviço, sem reserva alguma.

Ah! meu Salvador, quem me dera possuir muitos corações para amar-Vos cada vez mais. Eu, porém, associar-me-ei a outros; quero que outros Vos sirvam, que outros Vos honrem! Quem me dera inspirar a todos os corações a devoção à vossa Infância adorável!

Dignai-Vos, ó Santíssimo Menino Jesus, fazer que vossos associados experimentem o grande poder de vossa pequenez e que vossa divina pureza, vossa simplicidade e vossa inocência sirvam de modelo para todos os vossos servos. Assim seja.

Obras utilizadas:

- 1) SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. III, q.35, a.8, ad 1.
- 2) Cf. Epitaph Paulæ [inter Epist. S. Hieron., 108, 27] 10. Efratá significa fértil.
- 3) SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., III, q.35, a.7, ad 1.

4) Idem, II-II, q.29, a.3, ad. 1.



“Apostolado do Oratório – Devoção dos Primeiros Sábados”

Informativo destinado aos Supervisores dos grupos do Apostolado do Oratório

Sede do Apostolado do Oratório

Rua Francisca Júlia, 182 – CEP 02403-010 – São Paulo/SP

Telefone: (11) 2973-9477

E-mail: oratorio.secretaria@arautos.com.br ou admoratorio@arautos.org.br